

A carrapateira

*Manoel Ferreira Lira
morrosanto@gmail.com

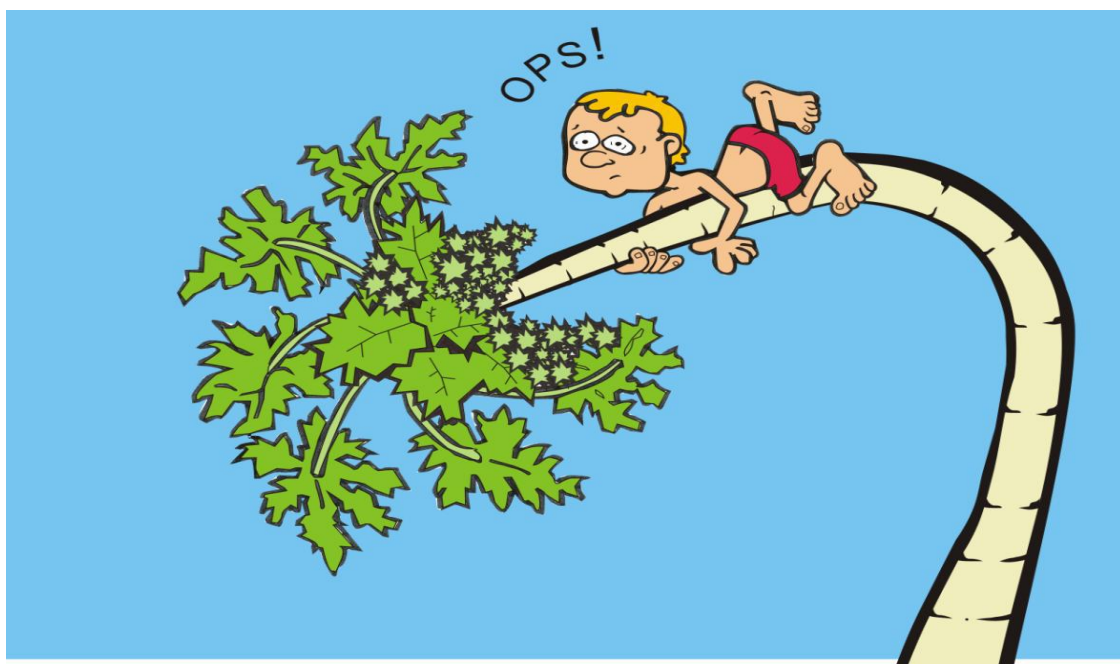


Ilustração: Mary Anne Lopes

Eu me sentia reconfortado com as palavras de Dom Jerônimo de Sá Cavalcante. Reconfortado tanto no campo espiritual quanto no material, pois ele mostrava, de forma cristalina, o direito que todos tinham em lutar pela liberdade, pela independência e por uma vida melhor aqui na terra. Isto, sem dúvida, me alegrava, pois ia ao encontro de meus ideais, da minha participação na AP. Já disse algumas vezes que a AP se originou dos cristãos da JUC, da JEC e de outros movimentos menores surgidos na Igreja Católica.

Eu me enquadrava, ou me achava enquadrado, nesta posição.

Mas, qual o motivo que me havia levado a entrar na Ação Popular? Foi tão somente a vontade de querer ajudar a modificar as estruturas do Brasil? O meu engajamento na AP foi através de uma mudança ideológica?

Sinceramente, tudo me deixou dúvidas. Eu era AP, acreditava na AP, sentia ser a AP um movimento importante para combater a ditadura instalada e incrustada no poder. Para isto, lia muito. Lia para me fortalecer.

Hoje, tenho certeza que tudo começou muito tempo atrás, em 1954, quando tinha oito anos. Nascido em dezembro de 1946, no município de Feira Grande, Alagoas, à época conhecida como Mocambo, distrito de São Braz, levava a vida de menino comum, de um lugarejo pequenininho, sem sonhos de lugar grande.

Num desses dias, lá para o mês de junho, saí com meus amigos malandrando pelos quintais afora. Já voltando para casa, resolvi subir num pé de carrapateira (ou, como muitos dizem, de mamona). Fraquinha, a galha da carrapateira não me aguentou. Caí por cima do braço esquerdo e uma dor atroz tomou conta de mim. Gritei muito e, olhando-o, vi que estava fraturado.

Saí correndo, gritando de dor e chorando, para casa. De imediato, meu pai levou-me à única farmácia do Mocambo, a do Zé Bayer. Meus amiguinhos, Paulo Arestides, Zequinha (o Quinha), não me acompanharam. Correram para suas casas.

Na farmácia do Zé Bayer, o homem mais letrado do lugar, metido a tocador de violão, fui logo atendido: gases e mais gases com gesso foram passadas ao redor do meu braço, bem apertadas, que era para encaná-lo logo, como disse o bem falante "farmacêutico".

Dois, três dias, não me lembro bem, já não aguentava mais de tanta dor. Numa rede de balanço, chorava e ardia em febre. Via coisas. O antebraço estava inflamado e o gesso apertava cada vez mais. Meus pais, então, resolveram levar-me até Arapiraca, Cidade mais próxima, e, já naquela época, a maior do interior do Estado. Lá, numa tarde de domingo, o médico - Dr. Walfrido - retirou imediatamente o gesso sufocante. Aplicou-me injeção. E concluiu:

-O menino deve ir logo para Maceió. Seu estado é grave. Não precisava ter feito nada disso. Bastava uma tala com gema de ovo e breu para consolidar o osso.

Apesar de tudo, do domingo para a segunda, depois de retirar o gesso e após a injeção não-sei-de-quê dormi pela primeira vez sem chorar e sem dor. Pela manhã, às 7:00 horas, eu e minha mãe subimos num trem que vinha de Porto Real do Colégio para Maceió - era o transporte mais certo da época. Chegamos às 17:00 horas na capital do Estado e fomos logo para o Pronto Socorro, um prédio de um andar, na esquina onde hoje funciona a Emergência 24 Horas da Santa Casa de Misericórdia.

Era hora de mudança de plantão do médico da emergência. O que estava - não me recordo do nome - imediatamente disse, quando viu meu estado, o braço cheio de borbulhas, de cor arroxeadas, ainda inflamado:

-Preparem o material! Tenho de fazer a amputação logo, caso contrário o menino morre.

Eu, sem me dar conta da gravidade da situação, olhava para os cantos, sentindo aquele cheiro forte de éter e de remédio. Notei, porém, lágrimas no rosto de minha mãe.

Naquele instante, um homem baixinho, mais ou menos da altura de meu pai, não mais que 1,60m, entrou assobiando alto.

Era o Dr. Ascânio Jorge, médico ortopedista, que vinha substituir o plantonista.

-Que é isto? perguntou.

-Olha que sorte, respondeu o plantonista, chegou na hora. Eu ia fazer esta amputação. Deixo pra você!

Dr. Ascânio chamou-me para perto e ao tempo que me examinava ia perguntando para minha mãe o que tinha se passado. Durante alguns minutos ele pegava no meu braço, levantava-o, mandava movimentar os dedos, virá-lo para um lado e para outro. E disse:

-Olha, não vou amputar o braço do menino, não. Se a senhora (com minha mãe) confiar em mim, vou tratá-lo.

Aquilo era como música nos ouvidos de minha mãe. Pra mim, nada. Não tinha noção da gravidade do caso. Minha mãe aceitou logo, logo.

Dr. Ascânio foi logo gritando com os enfermeiros (era assim que trabalhava, gritando. Não era um grito de raiva ou de rispidez), tragam isto, tragam aquilo. Não me lembro que produtos. Sei, porém, que um deles tinha um aroma de bacalhau. Sim, sim, era óleo de bacalhau.

Deu-me remédio e orientou que dormisse com o braço acima da cabeça, para que a água das borbulhas evacuasse pela urina. E assim foi feito. Voltei a ele muitas e muitas vezes, não mais no Pronto Socorro, porém no outro lado, na Santa Casa, onde prestava serviço médico.

Era fácil de ir e vir, porque fiquei hospedado numa casa de pessoas conhecidas de meus pais, na rua Pedro Monteiro, ao lado da Santa Casa.

Meu tratamento durou cerca de dois anos e meio. Neste tempo, além do médico Ascânio Jorge, cuidou-me, a mando dele, a estudante de medicina Terezinha Ramirez.

Salvo esquecimento, era monitora de turma. Com um braço defeituoso, cujo defeito é chamado de "isquemia de Falkner" (esse nome foi visto num livro grosso de Anatomia, que os estudantes carregavam pra cima e pra baixo, pelos corredores da Santa Casa com desenho e fotos, mostrando casos semelhantes ao meu).

De 1954 a 1956 andava eu pelas ruas, quintais e monturos do Mocambo: o braço engessado, cheio de arames para esticar os dedos atrofiados, brincando com Quinha e Paulo Arestides, entre outros colegas. Sem raiva, sem vergonha, sem ódio. Em 1956, antes do fim do ano, veio a alta médica:

-Odilon (esse o nome de meu pai), não tenho mais que fazer. Seu filho está curado. Vai ficar marcado, com movimentos restritos na mão esquerda. Fiz o que pude!

Dizendo isto, Dr. Ascânio, em sua residência num lugar bem longe do centro, casa grande entre areias da praia, a Ponta Verde, complementou:

-Agora, quero o nome completo do dono da farmácia que fez isto com seu filho, para processá-lo.

Meu pai, acompanhado de meu padrinho, Juca Lira, respondeu que infelizmente não faria isto. E disse ao Dr. Ascânio:

-O senhor me desculpe, doutor, mas não posso fazer isto. O rapaz não fez por querer. Ele pensou estar fazendo o bem. Não posso deixar que o senhor o processe. Não posso!

E assim fez. E assim se deu. Em dezembro de 1956 fomos morar em Arapiraca. Um dos motivos fui eu. Como não podia pegar num cabo de enxada, sem força na mão esquerda, tinha que estudar, ser alguém, que pudesse viver sem usar de força física. Em Arapiraca, estudei dois anos do primário no Instituto São Luiz, fiz admissão e o ginásio no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (naquele tempo, chamava-se de ginásio). Depois, em 1963, comecei a cursar o científico no Colégio Central de Salvador, na Bahia.

*Jornalista